

Entrevista* com a professora Anne Latendresse**

Geosul: Vamos começar por uma questão mais política: você poderia falar um pouco do seu "engajamento" político e do seu interesse pelos países do sul, não somente o Brasil, em relação aos movimentos sociais urbanos.

Anne: É importante precisar que meu percurso, meu engajamento político, deve-se inicialmente a minha família. Eu venho de uma família operária. Meu pai era um soldador em uma companhia marítima e assim nós conhecemos a migração operária no interior do Québec. Nós vivemos, portanto, no interior da família as condições e questões proletárias, que certamente ajudaram na formação da minha consciência e de pertencimento a classes sociais. Esta consciência surgiu, portanto, mais a partir da vivência, de uma bagagem, do que através do conhecimento teórico. Eu era ainda jovem e estas questões estavam presentes.

No Québec, antes de entrar na Universidade, nós cursamos dois anos de estudos colegiais. Nesta época eu conheci o CEGEP (Collège d'Enseignement Générale et Professionnel) onde era oferecido uma formação em conhecimentos gerais: curso de filosofia obrigatória, curso de francês, etc. Lá eu tive contato com

* Transcrição e tradução do francês para o português: Stella Maris Meira da Veiga Pereira e Samuel Steiner dos Santos.

** Anne Latendresse é professora do Departamento de Geografia da Universidade do Québec em Montreal (UQAM) e Diretora do Centro de Estudos e de Pesquisas sobre o Brasil (CERB). Os trabalhos de pesquisa realizados por Anne Latendresse abordam a democracia participativa no meio urbano, os impactos da reorganização municipal sobre a gestão da diversidade e sobre a participação cidadã na gestão e no planejamento urbano. Igualmente, pesquisa os movimentos sociais no contexto de metropolização e de implantação de mega projetos urbanos e mega eventos esportivos. A entrevista foi realizada pelo Professor Elson Manoel Pereira nas dependências da UQAM, em 19 de abril de 2012, na cidade de Montreal – Canadá.

professores engajados, em uma época de acontecimentos sociais importantes como a revolução da Nicarágua e a guerra da libertação nacional de El Salvador. Foram movimentos que nós acompanhamos desde nossa pequena cidade, chamada Lévis. Nós discutíamos com o nosso professor a revolução Sandinista. Tive amigos que optaram por participar diretamente nestes movimentos através de missões de alfabetização na Nicarágua. Posso dizer, então, que foi a partir deste momento que minha intuição e que minha vivência começaram a se articular e a ganhar forma de uma preocupação, de uma prática de solidariedade internacional. Foi também o início de uma tomada de consciência no plano teórico. Neste período, eu comecei a ler sobre questões ligadas ao que na época era chamado de “terceiro mundo”, ainda hoje chamado de terceiro mundo ou de países do sul. Assim, comecei a me familiarizar com as pessoas que chegavam ao Québec.

Após o golpe de Estado no Chile, em 1973, chegaram ao Québec inúmeros refugiados políticos deste país. Chegaram também alguns refugiados argentinos, que receberam apoio e solidariedade dos militantes locais, sobretudo dos movimentos sindicais. Foi através destes militantes que fui apresentada à realidade dos grupos de refugiados, o que ajudou também na minha aproximação e tomada de consciência em relação ao que ocorria na América do Sul naquele momento. Estes refugiados rapidamente se engajaram nas questões e nas lutas sociais e políticas do Québec, como a luta dos movimentos sindicais, por creches, etc. Carregávamos, neste momento, uma ideia de solidariedade verdadeira entre povos que apresentavam a mesma preocupação de justiça social. Não se tratava de uma perspectiva nacionalista, na qual eu estava engajada anteriormente, mas de uma perspectiva de solidariedade internacional. Tratava-se antes de uma visão internacionalista do que nacionalista. Tudo isto direcionou meus estudos universitários. Criamos um comitê de solidariedade com El Salvador, no momento em que eu estava vinculada à Universidade de Laval. Posteriormente, em 1982, quando eu já estava na UQAM, criamos,

junto com alguns estudantes, um comitê de solidariedade com a Palestina, logo após o massacre de Sabra e Chatila.

Neste período também nos aproximamos da África do Sul, onde prevalecia ainda o regime de Apartheid. Lá eu tive contato com pessoas muito engajadas no apoio à ANC (Conselho Nacional Africano), principal referência na luta contra o Apartheid. Fomos convidados para o primeiro congresso legal da ANC, onde ocorreram as primeiras eleições livres e a eleição de Nelson Mandela para presidente. Durante esta estadia, foram organizadas visitas às “Townships”. A visão das Townships em contraste com a cidade branca foi uma experiência importante e um dos elementos reveladores da importância das lutas urbanas. Foi no interior das “Townships” que os sul-africanos realizaram lutas extremamente importantes para o acesso à água, à eletricidade, aos serviços coletivos. Em uma destas lutas eles decidiram boicotar o pagamento das taxas enquanto a municipalidade branca não lhes oferecesse os equipamentos e infraestruturas básicas.

Ao mesmo tempo eles combatiam uma luta nacional contra o regime do Apartheid, contra a discriminação racial e econômica. Pude visualizar neste momento a existência de uma relação entre lutas locais - sobre questões urbanas - e as lutas de transformação social mais ampla e histórica, tal qual a luta contra o Apartheid. Este foi para mim um elemento muito importante para a compreensão de que questões urbanas locais, quer seja sobre transporte, habitação, serviços de proximidade, equipamentos, etc., guardam o potencial de engendrar transformações sociais mais profundas do que mudanças estritamente locais.

E assim, ao acaso, eu encontrei um livro do Manuel Castells, intitulado “*The City and the Grassroots*” aonde ele defende esta tese a partir da análise de diversas lutas urbanas em diferentes períodos históricos e culturais. Ao analisar a experiência dos cidadãos de Madri, durante o período fascista, Castells concluiu que as lutas urbanas de cidadãos que militam por preservar seu bairro podem potencialmente gerar transformações sociais, onde a consequência é maior que apenas a cidade ou a escala local. Esta

ideia ia ao encontro de tudo aquilo que eu havia observado na África do Sul, o que me conduziu a elaborar uma tese sobre este objeto, estudando o caso específico de Jerusalém.

Este foi o fio condutor que ligava a pesquisa às minhas atividades do Canadá, onde desde a década de 1980 estive engajada em ações de solidariedade com a luta Palestina, uma disputa marcada por diversas ações de resistência. Neste período ocorreu a primeira intifada, uma insurreição popular de desobediência civil, que começou em dezembro de 1987. Voltei então à Palestina e pude logo compreender que ali também existiam, efetivamente, lutas urbanas - como em Jerusalém - que poderiam ser direcionadas para preservar o território, os bairros e a identidade da cidade, mas também poderiam engendrar lutas e consequências mais globais. No caso dos palestinos de Jerusalém, preservar a cidade significava também lutar para preservar a identidade nacional palestina e lutar contra a opressão e ocupação colonial israelita.

Geosul: Você fez sua tese no Québec?

Anne: Eu fiz minha tese no Québec, mas trabalhei sobre a questão de Jerusalém em um contexto de conflito binacional Israel-Palestina. Durante a pesquisa eu fui recebida na Universidade de Birzeit, na Cisjordânia, situada próxima à cidade de Ramallah, onde eu permaneci dois anos e meio. Mantive contato com meu orientador do Québec, que trabalhava com movimentos sociais e revitalização de bairros, mas eu tinha duas pessoas de referência na Palestina com quem eu discutia regularmente a pesquisa.

Geosul: Qual é sua formação de graduação?

Anne: Eu tenho um percurso bastante eclético. No início da década de 1980 eu tinha uma preocupação de compreender melhor o conflito Israel-Árabe, na época não falávamos ainda de Israel-Palestina, mas principalmente do conflito entre Israel e os países árabes. Fiz estudos em Comunicação, pois queria fazer jornalismo internacional. Iniciei então a graduação em Comunicação com o que chamávamos na época de perfil em Jornalismo. A escolha foi

em muito motivada pelos sonhos juvenis de ser jornalista internacional. Fiz então praticamente todos os meus trabalhos no sentido de mostrar que não era possível que a mídia apresentasse a relação entre ocidente e o mundo árabe unicamente como uma antítese branco-negro, o ocidente branco e o mundo árabe negro. Neste momento, o mundo árabe era já associado à desordem, ao caos, a um mundo tradicional fechado, estático, atrasado, etc. Para mim esta leitura não era suficiente e eu queria aprofundar meu conhecimento em relação a esta região do mundo, para buscar uma melhor compreensão.

Houve, evidentemente, leituras que me influenciaram. Uma obra importante foi o livro chamado “Orientalismo” de Edward Saïd, um professor palestino de literatura, que na época estava na Universidade de Columbia e que se transformou no intelectual palestino, de renome internacional, mais conhecido no mundo. Neste livro o autor desconstruiu a compreensão que o ocidente tem do mundo árabe e da Palestina. Esta obra foi extremamente importante para a minha reflexão sobre a ideia de estudar as regiões do “terceiro mundo” a partir do olhar de alguém que vem do ocidente. Foi uma referência importante no plano epistemológico, ajudando no desafio de aproximar minhas análises em relação a regiões que foram colonizadas pelo ocidente. Direcionou, portanto, uma reflexão crítica e metodológica de como trabalhar com este objeto.

E assim, pouco a pouco, meu percurso acadêmico foi sendo construído ao longo de um fio condutor baseado no interesse pelas experiências de proteção ou de democratização da cidade, o que me levou ao Brasil e às experiências brasileiras de orçamento participativo que começavam a ser reconhecidas. Estas experiências confluíam para a perspectiva que eu procurava evidenciar, qual seja: demonstrar que as populações que são dominadas ou que são minorias não são totalmente determinadas pelas grandes estruturas, mas apresentam sempre certa margem de manobra, certo espaço, para tentar inverter a relação de poder ou, ao menos, de se apropriar da cidade. O famoso “Orçamento

Participativo de Porto Alegre” foi o principal elemento de meu interesse e minha vontade de compreender mais o Brasil. Logo após que eu terminei minha tese de doutorado, uma ONG quebequense que se chama “Alternatives” me propôs de acompanhar o prefeito de Porto Alegre, que havia sido convidado para vir à Montreal e falar do orçamento participativo.

Geosul: Foi, portanto esta abertura que possibilitou a tua aproximação da Geografia?

Anne: Após terminar meus estudos em Comunicação e trabalhar sobre o mundo árabe, eu decidi fazer uma viagem entre Istambul e Jerusalém de trem, em transporte coletivo. Esta viagem foi longa, passando pelo interior da Turquia, da Síria e da Jordânia para então entrar no território palestino e chegar à Jerusalém. Esta viagem foi essencial para compreender que nesta região do Oriente Médio, que me interessava muito, não era a religião a questão fundamental, mas sim as questões ligadas ao território: como o acesso à água, a demarcação das fronteiras e a ocupação do território palestino. Pude compreender a importância do território como categoria de análise. Assim, percebi que a geografia oferecia uma melhor compreensão do que se passava naquela região do que as ciências políticas, por exemplo. Nesta época havia muitas obras e teses que tratavam das resoluções das Nações Unidas, sobre Israel ou Palestina etc. Muitas obras de análise dos partidos políticos, dentro de um paradigma nacionalista. Sobre o território, no entanto, não havia nada escrito na época. Ninguém havia ainda analisado mais profundamente o conflito Israel-Palestina através de uma perspectiva territorial. Esta tomada de consciência proporcionada pelo “trabalho de campo”, me levou a decidir pela geografia, em um momento onde eu ainda estava em dúvida sobre a possibilidade de desenvolver um possível mestrado em Ciências Políticas sobre o conflito Israel-Palestina. Esta viagem foi, portanto, determinante e a Geografia ganhou a disputa.

Geosul: Você fez então um mestrado em Geografia e um Doutorado em Estudos Urbanos?

Anne: Exatamente. No doutorado eu trabalhei sobre aquilo que havia dito anteriormente, da relação entre as lutas locais e as lutas nacionais.

Geosul: Foi após o doutorado que você conheceu o CERB? O que é o CERB?

Anne: Talvez antes de falar do CERB, sobre o Brasil, seria importante contar sobre o orçamento participativo. No Québec, eu estive sempre ligada aos grupos de solidariedade internacional e, em meados da década de 1990, por meio da ONG “Alternatives”, nós percebemos que no Brasil existia um “vento” de mudança que começava a soprar. As centrais sindicais do Québec passaram então a desenvolver relações de cooperação com a Central Única dos Trabalhadores – CUT. Assim, nós recebíamos convidados do Brasil e realizávamos leituras sobre o tema. Neste período nós recebemos o então presidente da CUT, Luis Inácio Lula da Silva. Antes de tornar-se presidente do Brasil ele veio à UQAM, convidado pelas centrais sindicais do Québec.

Meu interesse sobre o Brasil surgiu destas experiências participativas, onde eu percebia também uma tentativa de transformação social no plano nacional. Novamente ali eu percebia uma relação entre as experiências participativas inovadoras, que buscavam a apropriação da cidade por seus cidadãos, e a geração de uma reflexão política maior, que ambicionava uma transformação do Brasil na escala nacional. Para mim havia esta ligação, e minha hipótese - que poderia ser validada ou não - era de que as experiências participativas realizadas pelas cidades, que demonstravam a possibilidade de gerir segundo uma outra lógica, poderiam contribuir para a vitória de Lula no plano nacional. Havia para mim, portanto, este fio condutor e a compreensão do potencial das experiências participativas realizadas no plano local. Esta compreensão é geralmente negligenciada quando trabalhamos unicamente no plano nacional ou nacionalista. Os nacionalistas,

por definição, dificilmente se preocuparam com a importância de questões locais, pelo menos aqui no Québec, onde os nacionalistas de esquerda raramente reconheceram a importância das lutas locais, das lutas de bairro ou nas cidades. Eu via que através de mudanças na escala local - onde os cidadãos mantêm uma relação de proximidade com as questões e com os representantes eleitos - é possível realizar transformações mais globais, na escala nacional. O Brasil era neste momento uma pista onde eu poderia aprofundar minha reflexão a respeito desta relação dialética entre as lutas locais e lutas nacionais.

Então, o CERB: eu fui contratada aqui no Departamento de Geografia, na UQAM em 2001, e foi em 2008 ou 2009, eu acho, que um colega soube que eu me interessava pelo Brasil e ele me convidou para vir ao CERB e rapidamente ele propôs que eu assumisse a direção adjunta do Centro, porque ele preparava sua partida, ele iria terminar seu mandato e gostaria que eu me familiarizasse com o CERB para assumir em seguida. Neste mesmo período, no programa de geografia do curso de graduação em geografia que nós damos, nós temos um curso de metodologia para os alunos, eu havia proposto convidar minha turma de metodologia para ir ao Brasil. Então, os alunos faziam um curso de metodologia na sessão de inverno, no qual eles deveriam identificar uma problemática sobre a qual eles iriam trabalhar como projeto de pesquisa. Então, eles iriam aprender a elaborar um projeto de pesquisa, aprender a elaborar a problemática, lançar uma questão de pesquisa, uma hipótese, pensar as etapas metodológicas de coleta de dados e análise etc. Eles deveriam, então, pensar uma pesquisa sobre o Brasil e no curso de Metodologia 3, no verão seguinte, nós iríamos acompanhá-los, uma colega e eu, a uma viagem para que eles realizassem suas pesquisa no Brasil. Nesse momento eu tive algumas hesitações, eu estava à procura de um campo de pesquisa para os meus alunos. Eu pensei primeiramente em São Paulo ou Rio de Janeiro, mas talvez fossem cidades muito grandes para levar jovens estudantes que não falavam português, para alguns seria a primeira viagem ao exterior do país, então,

finalmente um colega me apresentou um professor, colega de vocês da sociologia, o professor Paulo Vieira, que me propôs: “mas por que tu não levas os teus alunos para Florianópolis, na nossa cidade?” Então, depois, eu fui encontrá-lo em Florianópolis e insisti para que fizéssemos contato com geógrafos e assim eu encontrei o Professor Elson Manoel Pereira do departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Catarina.

Geosul: E a origem do CERB, ele foi criado por quem e em quais condições?

Anne: O CERB foi criado em 2001, por um professor que era professor de literatura, ele se chama Bernard Andrés, ele trabalhava com colegas brasileiros que são professores em estudos literários e ele havia desenvolvido acordos de cooperação interuniversitários com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e igualmente com a Universidade Federal Fluminense. No início, eu diria que os trabalhos do CERB e suas atividades eram, sobretudo, em literatura; em seguida, foi um colega da área de comunicação que se tornou diretor por dois mandatos. Esse último iniciou um projeto muito interessante, que no meu ponto de vista é ainda pertinente, sobre as experiências quebequenses e brasileiras sobre o papel das universidades em relação ao desenvolvimento local. Então, o que eu gosto nesse trabalho é, porque eu não me considero uma brasilianista, eu não sou de modo alguma uma expert sobre o Brasil, eu sou alguém que trabalha com colegas brasileiros, com estudantes brasileiros para impulsionar reflexões, os colegas brasileiros são os especialistas sobre o Brasil. Eu trabalho sobre Montreal, sobre o local, sobre o Québec e nós relacionamos nossos olhares, a nossa forma de ver as práticas participativas para gerir a cidade, a nossa forma de ver as lutas urbanas para transformar a cidade, e isso em uma perspectiva de diálogo, de olhares cruzados. Eu não sou alguém que pretende trabalhar sobre o Brasil, eu trabalho, por exemplo, sobre a participação das mulheres na cidade e sobre o direito das mulheres à cidade. Eu trabalho essa questão sobre Montreal com colegas

brasileiras que têm o mesmo olhar sobre as mulheres e as cidades brasileiras. E eu acho que essa é uma perspectiva epistemológica muito mais rica do que pretender ser uma especialista sobre o Brasil. Eu acredito que é muito mais frutífero e muito mais salutar como olhar e como perspectiva de trabalho.

Geosul: Depois de tua experiência com o CERB, o teu olhar sobre o Brasil, o teu olhar sobre os estudos sobre o Brasil mudou?

Anne: Sim, de um lado evidentemente, ele se aprofundou, se expandiu, porque o CERB é um centro multi-disciplinar, então eu tenho colegas que trabalham sobre o meio ambiente, que trabalham com colegas brasileiros, colegas dos estudos literários, colegas da sociologia... Então, são colegas de diferentes disciplinas e eu como diretora não posso ficar restrita ao meu campo de pesquisa, eu sou aquela pessoa que dá apoio aos projetos de outros colegas que são mais amplos do que os meus próprios projetos, isso me dá um conhecimento mais expandido do Brasil. Provavelmente eu me tornarei mais generalista a respeito do meu olhar sobre o Brasil do que alguém que trabalhe unicamente sobre as questões das cidades, sobre as questões urbanas. Tem outra coisa também, indubitavelmente ao me relacionar com colegas brasileiros, agora eu conheço melhor a rede universitária, o funcionamento do sistema de educação no Brasil; isso é interessante porque para mim está sempre ligado à estruturação da sociedade, em vários níveis eu tenho uma compreensão melhor do Brasil, mas sempre dialogando com meus colegas brasileiros. Eu estou sempre atenta ao que meus alunos brasileiros vão dizer-me sobre o Brasil, tanto quando eu vou ao Brasil ou quando os brasileiros vêm até aqui eu continuo a aprender sobre o Brasil.

Geosul: Acabaste de preparar um documento sobre o CERB, sobre o papel do CERB e hoje em dia o CERB é uma referência na UQAM e também em relação às outras universidades canadenses e igualmente ao Consulado brasileiro em Montreal e à Embaixada

em Ottawa; poderias falar um pouco sobre a presença de brasileiros nas universidades do Québec?

Anne: Sim, então, é importante dizer que diferentemente dos chilenos e de outras pessoas da América do Sul, não faz muito tempo que os brasileiro vêm ao Québec e ao Canadá e de repente nos demos conta, a partir dos anos 2000, que o número de brasileiros que estão vindo aumenta de uma maneira regular e hoje na UQAM, em 2012, nós temos 177 estudantes brasileiros inscritos em nossos programas. Percebemos igualmente que a UQAM, a Universidade do Québec em Montreal, era a universidade que recebia o maior número de estudantes brasileiros dentre todas as outras universidades quebequenses e eu acho que também dentre as universidades canadenses. De fato, é aí que vemos a importância do papel do CERB, há onze anos a UQAM, por intermédio do CERB e através dos professores que receberam os estudantes continua a desenvolver contatos, intercâmbios, convênios com universidades brasileiras; a UQAM possui hoje em dia trinta e cinco acordos de cooperação interuniversitária com diferentes universidades do Brasil, dentre as mais importantes como a USP a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas também com universidades menores, como a Universidade de Sergipe. Eu sou uma partidária da ideia de não trabalhar unicamente com as grandes universidades do centro [do ponto de vista da centralidade acadêmica] do Brasil, mas de tentar oferecer oportunidades a universidades de abrangência regional, as quais eu imagino que tenham menos contato e talvez menos recursos do que as grandes universidades brasileiras do Brasil. Então, nós estamos começando a tentar desenvolver cada vez mais relações também com as pequenas universidades que estão fora da rede universitária do centro, mas tudo isso para dizer que o CERB desempenhou um papel eu diria fundamental no fato de que a UQAM tenha desenvolvido relações com universidades brasileiras e com colegas brasileiros.

Geosul: E hoje em dia, quais são os principais projetos desenvolvidos em conjunto?

Anne: Bom, é difícil de dizer por que é importante compreender que existem professores que têm seus próprios projetos de pesquisa com colegas brasileiros sem necessariamente passar pelo CERB, é o caso, por exemplo, dos colegas do Instituto de Ciência do Meio Ambiente que têm grandes projetos com colegas brasileiros na Amazônia, eles montaram um curso de segundo e terceiro ciclo que acontece a cada dois anos durante o verão, é um seminário para os estudantes que acontece na região da Amazônia; tem um colega no departamento de psicologia que desenvolveu seus próprios projetos, meus colegas do departamento de estudos literários que continuam a ter trocas com seus pares das universidades de Rio Grande do Sul e Fluminense. Mas, o projeto estruturante do CERB é com a universidade Federal de Santa Catarina porque nós percebemos, bom, após minha visita com os alunos de geografia durante toda a nossa estadia nós havíamos dito aos colegas que nós gostaríamos de trabalhar em uma perspectiva de reciprocidade, nós não queremos vir e unicamente ser recepcionados por brasileiros, nós queremos que vocês venham na nossa universidade, nós queremos desenvolver projetos e então como continuidade nós convidamos o professor Elson Pereira a vir para participar de um seminário e no ano seguinte, 2012, nós o convidamos como professor visitante para dar aula no departamento de geografia, dois de seus alunos um de doutorado e outros dois de mestrado vieram igualmente para a UQAM, e assim vendo tudo que estava sendo feito eu me dei conta, ao preparar um panorama das atividades da UQAM no Brasil, que os colegas do departamento de psicologia tinham um acordo de cooperação com os colegas do departamento de psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, eu descobri que, nós tínhamos ligação com o professor Paulo Vieira da sociologia, que nós estabelecemos contato com o departamento de geociências e mais recentemente eu conheci uma professora do departamento de estudos literários, Luciana Rassier, a qual foi nomeada recentemente diretora do

Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade Federal de Santa Catarina e eu já ia esquecendo dos meus colegas que se interessam pelas questões ligadas à economia social e à economia solidária que foi inspirada na experiência de um professor de Florianópolis que trabalha igualmente com as questões de economia solidária e tinha criado o que eles chamam de incubadora universitária. Então, me dei conta que tínhamos vários colegas da UQAM que possuíam vínculos com a UFSC ou Florianópolis e que no fundo nós tínhamos as condições presentes para desenvolver um projeto estruturante. Então, um projeto estruturante seria diferente de um projeto menor com duração de alguns meses ou um ano, seria um projeto com a intenção de desenvolver alguma coisa mais a médio ou a longo prazo que poderia se articular em programas de estágio, de mobilidade estudantil e professoral que poderia tomar a forma de um projeto de pesquisa conjunto no qual os colegas brasileiros trabalhariam sobre o Brasil e nós sobre o Québec, mas faríamos seminários comuns para desenvolver em perspectiva de diálogo e então de estágio, de mobilidade, de projeto de pesquisa. Nós estamos preparando a ideia de uma delegação de alguns professores da UQAM e de estudantes para irmos a UFSC participar de um evento onde nossos pares seriam convidados, para o mês de abril 2013, com o objetivo de tentar estruturar um projeto. Existe igualmente uma relação com a Universidade Federal do Rio de Janeiro porque nós somos vários colegas que trabalham sobre o tema da transformação das metrópoles e tem um colega do departamento de estudos urbanos da UQAM e um colega do IPUR – UFRJ que se encontraram e criaram uma rede que se chama Metrôpoles, desigualdade e planejamento democrático que liga pesquisadores do Quebec, do Brasil e da Argentina e, então, por meio dessa rede nós organizamos quatro colóquios e nós contribuimos com o avanço da pesquisa de uma problemática comum que trata do impacto dos mega eventos esportivos e de mega projetos urbanos sobre a população e sobre a transformação das metrópoles em uma perspectiva crítica. Então, esse é um outro

grande projeto do CERB atualmente com nossos pares brasileiros, nossos colegas brasileiros.

Geosul: E teus projetos de pesquisa atuais, podes falar um pouco sobre eles?

Anne: Sim. Na verdade, eu sempre tive a preocupação de partir da ideia, e aí é bem a tese de Henri Lefebvre, de dizer que a cidade é um espaço urbano que resulta de uma produção social, de relações sociais e em uma perspectiva crítica, uma tese marxista dos anos 1970 considerava que eram os grandes acordos econômicos ou elites econômicas e políticas que estruturavam sobremaneira. Ora, se quisermos falar de cidade, de direito à cidade ou da ideia de que a cidade deveria pertencer a todos e a todas que nela vivem, seria necessário tentar inverter essa tese, mas não apenas a tese e sim inverter as relações sociais na cidade tentando consolidar os atores que possuem menos poder, tentando dizer que os cidadãos e as cidadãs não importando a qual classe social pertencem, sejam homens e mulheres, pouco importando a cor da pele, ou a origem cultural ou a orientação sexual etc. devem ter o direito de se apropriar da cidade e de participar da construção dessa obra de arte, para Henri Lefebvre. Então, esta preocupação é uma preocupação de inclusão social, mas é mais do que isso, é de dizer que eles têm o direito de se apropriar da cidade; e aí aparece para mim a questão do poder, eu trabalho sobre isso e fui levada a refletir sobre a participação das mulheres na cidade. Será que a cidade é planejada de uma maneira neutra, onde os impactos são os mesmos sobre as pessoas pobres e as ricas, ou será que a cidade no seu planejamento e projeto não responde mais aos interesses e necessidades e à reprodução dos interesses de certos grupos. Dessa forma, esse tipo de reflexão levou-me a trabalhar sobre a questão das mulheres, sobre os grupos etno-culturais, os grupos considerados minorias, e a trabalhar também sobre o que poderia reforçar o papel das mulheres, dos jovens, o papel das pessoas de minoria étnicas etc., e principalmente sobre práticas participativas, porque eu acho que esse é o aspecto chave, que essa é a pista

concreta onde podemos tentar inverter, de fazer com que essas pessoas que são frequentemente consideradas minorias ou excluídas tenham acesso à produção da cidade e ao poder. Esses são meus principais temas de pesquisa sobre os quais trabalho.

Geosul: Terias alguma outra coisa a acrescentar?

Anne: Eu acho que hoje em dia é muito interessante para nós olharmos o Brasil de fora, antes quando eu comecei a militar e a me debruçar sobre a América do Sul, o Brasil estava associado a um país do terceiro mundo, em seguida falou-se de país em desenvolvimento, de país emergente, e hoje em dia eu gostaria de dizer que se não fosse pelas grandes fraturas sócio-espaciais, eu falaria do Brasil como sendo um país emergido, o que me impede de afirmar que ele está completamente emergido é essa grande fratura social que permanece, mas o Brasil de toda forma transformou-se enormemente e eu acho que no Brasil tem uma espécie de, para nós que o vemos de fora, sentimos uma espécie de ebulição, de abundância de experiências inovadoras, de tentativas de transformar o político, de transformar o poder, e elas vem penetrar a universidade, o trabalho dos pesquisadores e dos estudantes. Então, tudo isso é muito instrutivo para nós, é muito enriquecedor e estimulante, tanto no plano político, quanto acadêmico e intelectual, trabalhar com colegas brasileiros e de ir ao Brasil e de receber os brasileiros aqui. Eu acho que é isso que é interessante, essa colaboração tanto em uma perspectiva de engajamento na busca de uma transformação social, porque o Brasil ainda não conseguiu tudo, mas também na possibilidade de acompanhar essa busca por meio de uma reflexão de trabalhos teóricos e de trabalhos de pesquisa. Muito obrigada.